

# O IMPACTO DAS *FAKE NEWS* EM TEMPOS DE PANDEMIA

Lavínia Klein dos Santos<sup>1</sup>

André Gobbo<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Bacharel do curso de Administração do Centro Universitário Avantis – UniAvan. E-mail:laviniaklein@hotmail.com.

<sup>2</sup>Doutor em Educação Científica e Tecnológica (UFSC). Mestre em Educação. Reitor do Centro Universitário Avantis – UniAvan. E-mail: andre.gobbo@uniavan.edu.br.

## RESUMO

A pandemia da COVID-19 tem sido um dos assuntos mais comentados nas redes sociais. Desde o início desta crise de saúde, com reflexos econômicos, as notícias se tornaram um recurso valioso para os cidadãos e, como algo novo, é comum que as pesquisas sobre o assunto cresçam exponencialmente. Porém, no meio de tantas postagens nas redes sociais existem diversos compartilhamentos de textos e vídeos sem a comprovação da fonte e da veracidade do conteúdo, o que acaba por esse ser um terreno fértil para a disseminação de informações falsas, ou *fake news*, as quais são capazes de contribuir para o aumento do caos e influenciar na má orientação da população. Com o propósito do melhor entendimento sobre a temática, o presente artigo tem embasamento científico com revisão bibliográfica e documental sobre o SARS-CoV-2, causador da atual pandemia de COVID-19, com o propósito de expor o desequilíbrio que as *fakes news* causam nas mídias tradicionais e digitais.

**Palavras-chave:** Notícias Falsas. Redes Sociais. Pandemia

## *THE IMPACT OF FAKE NEWS IN PANDEMIC TIMES*

### ABSTRACT

*The COVID-19 pandemic has been one of the most talked about topics on social media. Since the beginning of this health crisis, with*

*economic consequences, news has become a valuable resource for citizens and, as something new, it is common for research on the subject to grow exponentially. However, in the midst of so many posts on social networks, there are several sharing of texts and videos without proof of the source and the veracity of the content, which turns out to be a fertile ground for the dissemination of false information, or fake news, which are capable of contributing to the increase of chaos and influencing the population's misdirection. In order to better understand the subject, this article has a scientific basis with a bibliographic and documentary review on SARS-CoV-2, which causes the current COVID-19 pandemic, with the purpose of exposing the imbalance that fake news causes. in traditional and digital media.*

**Keywords:** Fake News. Social Networks. Pandemic.

## 1 INTRODUÇÃO

As redes sociais vêm ganhando espaço na Era da Comunicação, se tornando um dos maiores meios para o compartilhamento de experiências e informações, de forma imediata e em nível global. Constituiu-se, na contemporaneidade, como uma ferramenta que proporciona o engajamento para a criação de conteúdos individuais ou empresariais, dando oportunidade para atingir um maior número de internautas (HUNT, 2010).

O poder das pessoas de criar e postar conteúdos abundantemente nas mídias sociais para gerar *views* – visualizações, sem filtro de verificação da veracidade – constitui-se o estopim para a circulação de informações falsas. Contrário às redes sociais, devido ao seu poder de influência na sociedade contemporânea, Lanier (2018) explica que a desinformação faz os usuários da internet compartilharem *fake news* só porque outras pessoas estão vendo o mesmo vídeo, ou, então, lendo a mesma matéria e, propositalmente, compartilhando-os. Esses conteúdos são gerados justamente para chamar a atenção, porém tais notícias ou comentários falsos acabam por gerar resultados negativos à sociedade.

A preocupação sobre a disseminação de *fake news* cresce nesse momento atual quando o mundo assiste a disseminação do novo vírus SARS-CoV-2, causador da COVID-19. A curiosidade e até certo sentimento de impotência sobre a propagação dessa doença, inédita para o mundo, faz com que as pessoas busquem por informações nas suas redes sociais, seara em que há dados verdadeiros, mas também falsos, os quais, por sua vez, são capazes de deflagrar certo pânico entre a população (TASNIM; HASSAIN; MAZUMDER, 2020).

Em um momento delicado imposto pela pandemia, Júnior et. al (2020) retratam sobre a seriedade do momento, onde grande parte dos países estão em quarentena, com o registro de hospitais lotados, comércios fechados e, conseqüentemente, um aumento exponencial no número de desempregados e/ou sem renda, os quais amargam dificuldades de toda ordem.

Em meio a essas duas crises – de saúde e econômica – é imprescindível ter ainda mais cautela nas mídias sociais para não provocar mais medo na sociedade. Combater as falsidades é um dever de todos, já que, em 24 de maio de 2020, chegou-se a 5.311.089 contaminados confirmados e entre eles 342.104 mortos no mundo, conforme dados divulgados pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020).

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo, para além de uma melhor compreensão do coronavírus, ressaltar, por meio de uma pesquisa bibliográfica e documental, o impacto das *fake news* compartilhadas nas mídias sociais tradicionais e digitais em tempos de pandemia.

Nesse sentido, o intuito da presente pesquisa é ratificar o alerta sobre o perigo das informações falsas disseminadas na internet e ainda partilhar dados atualizados sobre o novo vírus SARS-CoV-2.

## 2 METODOLOGIA

De acordo com Andrade (2001), a metodologia é composta por métodos ou caminhos que são seguidos para a realização da pesquisa. Em tese, para se atingir os resultados esperados são impostos dessemelhantes processos que

se caracterizam como método.

Para tanto, optou-se por uma revisão bibliográfica e documental a fim de analisar os impactos das *fake news* em meio à pandemia do coronavírus (SARS-CoV-2) e ainda sobre o compartilhamento de informações falsas sobre esse tema nas redes sociais.

Para a explicação sobre a COVID-19 o artigo utilizou dados atualizados da Organização Mundial da Saúde (OMS), do Ministério da Saúde e em artigos científicos publicados recentemente. No desenvolvimento do tema das notícias falsas, foram utilizados estudos que tratam sobre as redes sociais, avaliam os perigos da circulação de informações na internet e, ainda, notícias sobre o coronavírus com destaque nas *fake news*.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

A presente pesquisa tem como tema principal o impacto das *fake news* em tempos de pandemia e, para tanto, nessa seção será feita uma revisão bibliográfica sobre o novo Coronavírus (SARS-CoV-2) e sua denominação como doença, a COVID-19, relacionando-a à disseminação de notícias falsas que acabam por impactar a vida da humanidade.

#### 3.1 SARS-COV-2, COVID-19 E CORONAVÍRUS

Para melhor entender sobre a nova doença, o Ministério da Saúde (2020) ressalta que o coronavírus surgiu há alguns anos, mais especificamente em 1937, porém, somente em 1965 é que ele foi denominado com essa nomenclatura. Trata-se de uma doença caracterizada pela infecção respiratória, na qual a maioria das pessoas se contagiam ao longo da vida, sendo que os tipos mais comuns em humanos são o alpha coronavírus 229E e NL63 e beta

coronavírus OC43, HKU1.

Mais recentemente, em dezembro de 2019, foi encontrado na China um agente caracterizado como SARS-CoV-2, o novo coronavírus, o qual constitui-se como um vírus altamente contagioso que ameaça o mundo de uma pandemia. Logo após a sua identificação, foi nomeado, oficialmente pela Organização Mundial da Saúde (OMS), como coronavírus 2 por síndrome respiratória aguda grave (SARS- CoV-2) (ZHENG et. al, 2020).

Zheng et. al (2020) também registram que, em janeiro de 2020, a OMS declarou emergência de saúde pública em nível internacional pelo surto de SARS- CoV-2, levando-se em consideração o fato de que esse vírus contém uma capacidade maior de transmissão, o que acaba por aumentar os casos de maneira exponencial. Embora algumas pessoas não apresentem sintomas – assintomáticas – os sintomas entre os contaminados podem variar de um simples resfriado até uma pneumonia severa com maior risco de morte. Os sintomas mais comuns, divulgados pelo Ministério da Saúde (2020), são a febre, coriza, dor de garganta e a dificuldade para respirar, sendo que essa última deve ser encarada como um alerta para a internação do paciente.

No entanto, estudos já demonstram outras complicações, a saber:

[...] o coronavírus relacionado à síndrome respiratória do Oriente Médio (MERS-CoV) pode causar miocardite aguda e insuficiência cardíaca <sup>5</sup>. O SARS-CoV-2 e o MERS-CoV têm patogenicidade semelhante, e o dano do miocárdio causado pela infecção por esses vírus aumenta, sem dúvida, a dificuldade e a complexidade do tratamento do paciente. Embora as manifestações clínicas do COVID-19 sejam dominadas por sintomas respiratórios, alguns pacientes apresentam graves danos cardiovasculares. (ZHENG et. al, 2020, p. 1)

É também sabido que os genes do vírus vêm se modificando ao longo do tempo. A isso Huang et. al (2020) frisam que os tipos de coronavírus que foram identificados até o momento constituem apenas o começo para um problema maior que está por vir, onde novos tipos podem aparecer com outros eventos de maior gravidade do que os já registrados atualmente.

Paralelamente, ao passar dos dias de 2020, os números de casos crescem exponencialmente. Até 24 de maio, conforme dados da OMS (2020), registrava-se no mundo 5.311.089 pessoas contaminadas e 342.104 mortos. Nesse mesmo dia, o Brasil, desde o primeiro caso divulgado pelo Ministério da Saúde, em 26 de fevereiro de 2020, já se encontra como o segundo país com maior contágio: 349.178 contaminados e 22.168 mortes.

Com o intuito de evitar uma maior propagação do vírus a OMS (2020) sugere que as populações fiquem em quarentena, nas suas próprias residências, sem contato com outras pessoas, em especial os idosos que figuram como o principal grupo de risco.

Por sua vez, o Ministério da Saúde (2020) também ratifica os pedidos para que a população brasileira redobre os cuidados ao saírem de suas residências, ao mesmo passo que alerta que os riscos de contágio estão na transmissão de um indivíduo doente para outro ou por contato próximo por meio do aperto de mão, gotículas de saliva, espirro, tosse, catarro, ou até mesmo ao tocar em objetos e superfícies contaminadas, tais como os celulares, chaves, maçanetas, entre outros.

Para auxiliar na prevenção desse novo vírus, Júnior et. al (2020) explicam que foi criado um sistema chamado de educação para saúde. Trata-se de um meio de compartilhamento de informações atualizadas e necessárias para que a população possa enfrentar esse momento com lucidez.

Ainda sem perspectivas de uma vacina eficaz contra o novo vírus, apesar de todos os esforços da ciência, a prevenção é a melhor forma de combater a pandemia até que se encontre um método de tratamento comprovado. Porém, além de todo o movimento por notícias que visam a conscientizar a população em geral existem os maus intencionados que, em meio à crise, compartilham notícias falsas em diferentes mídias a fim de aumentar o pânico e os conflitos populacionais. São as chamadas *fake news*.

## 3.2 FAKE NEWS

As notícias falsas ganharam um novo termo em inglês chamado de *fake news* a fim de causar efeito impactante. Nascimento (2018) conta que essa expressão rapidamente causou discussão em praticamente todos os meios de comunicação, sendo utilizado tanto nos ambientes *on-line* quanto *off-line*. Do mesmo modo, evidencia-se que:

A divulgação de notícias falsas ou mentirosas é fenômeno conhecido internacionalmente como “*fake news*” e pode ser conceituado como a disseminação, por qualquer meio de comunicação, de notícias sabidamente falsas com o intuito de atrair a atenção para desinformar ou obter vantagem política ou econômica (BRAGA, 2018, p. 4).

A invenção e compartilhamento de notícias falsas e boatos, não é um problema hodierno, já existem há muito tempo. Sobre isso Souza Júnior, Petroll e Rocha (2019) relatam que esses eventos acontecem desde os primórdios da humanidade. Nas guerras antigas, para citar um exemplo, inventavam boatos sobre a aproximação dos inimigos para ocasionar medo e até mesmo informavam a derrota de outrem para benefício próprio.

Do mesmo modo Delmazo e Valente (2018) explicam que, já no século XVI, existem registros de distorção de notícias nos pasquins italianos. Ainda há casos apresentados em noticiários da Alemanha do século XIX que, para economizar o custeio de locomoção dos reportes ao exterior, fabricavam inverdades que eram espalhadas nas mídias da época.

No entanto, no decorrer dos tempos, as mídias foram sofrendo mudanças. Branco (2017) relembra que nos séculos XIX e XX os meios de distribuição de informações eram, essencialmente, por meio de livros, música e filmes que dependiam somente de editoras, gravadoras e produtoras. Naquela época os custos para se gerar conteúdos eram extremos; porém, nos anos 2000, com a proliferação da internet e dos dispositivos móveis, as pessoas começaram a produzir seus próprios conteúdos, sem dependerem das empresas.

Frente o exposto, compreende-se que o mundo foi e se mantém adaptando - se às novas fontes de matérias. A isso, Branco (2017) ressalta que na contemporaneidade os conteúdos originais, gerados por pessoas comuns, tornaram- se os mais procurados. Dessa forma, as empresas começaram a se utilizar disso a seu favor, pois passaram a perceber resultados favoráveis, como o baixo custo de produção e o número elevado de novas ideias. Nesse contexto:

[...] os meios de comunicação mais tradicionais, como publicações impressas e canais de televisão, passaram a incorporar com cada vez mais frequência material produzido por pessoas que poderíamos chamar de comuns. Sites de jornais consolidados como O Globo ou Folha de S. Paulo contam com frequente participação de conteúdo produzido por seus leitores. Até a Revista Piauí, de conteúdo intelectualmente sofisticado, anunciou que passaria a publicar matérias enviadas por terceiros que quisessem colaborar com o periódico (BRANCO, 2017, p. 56)

Diante tais mudanças, retratadas na citação anterior, compreende-se que na Era digital as fontes tradicionais perderam forças para a internet, a qual virou o centro de criação e compartilhamento de informação. Trata-se de uma forma de produzir informações com menor custo e mais praticidade, com potencial de alcance inimaginável.

Porém, Braga (2018) considera tal liberdade nas redes sociais e mídias digitais como perigosa, quando qualquer informação pode ser repassada sem uma verificação. A autora ainda destaca o fato de que se uma mentira for repetida mil vezes ela se torna verdade. No entanto, com o fator da internet, uma mentira pode ser repetida, cantada, filmada e fotografada um milhão de vezes e pode se tornar referência para muitos.

Portanto, é fato que, em meio às notícias verdadeiras, sempre existirão as falsas que se apresentam com o intuito de amedrontar ou prejudicar outrem. Porém, o que chama atenção é a falta de reflexão, ou conhecimento populacional, que leva as pessoas acreditarem em informações sem fundamento (FRIAS FILHO, 2018).

Nesse contexto, sabe-se que as pessoas que não têm muita disposição para pensar de maneira crítica são presas fáceis das *fake news*. A isso Pennycook e Rand (2019) explicam que referido grupo populacional simplesmente não questiona os assuntos por simplesmente concordar com o conteúdo e, por conseguinte, contribuem para que os momentos críticos, como o vivido atualmente com a pandemia de COVID-19, sejam desestabilizados por notícias duvidosas.

No entanto, não só em épocas de pandemias é que essa mazela interfere nos rumos da história. Quando as pesquisas são focadas no cenário político brasileiro, Branco (2017) relata a influência das *fake news* nos resultados eleitorais, muitas vezes motivadas por interesses financeiros que acabam por manipular multidões.

Todavia – enquanto no setor político é possível se usufruir de vantagens com a propagação desenfreada de notícias falsas – na área da saúde, conforme destacado por Júnior et. al (2020), o impacto que as *fake news* causam nos usuários é o aumento do medo e da sensação de insegurança, o que faz com que os órgãos de saúde tenham mais dificuldades para controlarem a verdade sobre patologias nas mídias sociais. Como por exemplo, registra-se que em 2019 o Brasil ficou em estado alarmante após um surto de sarampo, registrando 13 mil casos de contágio. O motivo para se chegar a essa situação foi pelo fato de diversas pessoas se negarem a tomarem a vacina que combate a doença depois de terem acesso às notícias falsas contrárias à vacinação.

Embora as doenças infecciosas tenham surgido em vários momentos da história, nos últimos anos, a globalização facilitou a disseminação de agentes patológicos, resultando em pandemias em todo o mundo. Isso aumentou a complexidade da contenção de infecções, que tiveram um importante impacto político, econômico e psicossocial, levando a desafios urgentes de saúde pública. HIV, Ebola, Zika e H1N1, entre outras doenças, são exemplos recentes (ORNELL et. al, 2020, p. 1).

Conforme reportagem do Diário de Pernambuco (2020), na África do Sul o impacto das *fake news* foi tão extremo para sua sociedade, no atual mo-

mento crítico do vírus SARS-CoV-2, em que o país criou diversas leis proibindo o compartilhamento de informações falsas, ou má intencionadas, nas redes sociais, tendo o intuito de gerar pânico populacional. Mediante tal ação, quem não obedecer estará sujeito até seis meses de prisão e multa.

Da mesma forma, sabe-se que a saúde mental é um fator de muita importância em meia a uma pandemia. A isso Ornell et. al (2020) alertam para o fato de como as notícias falsas podem potencializar o medo já existente pelo vírus SARS-CoV-2, aumentando a ansiedade e o estresse em pessoas saudáveis. Além do mais, intensifica os sintomas daqueles que já sofrem com transtornos psiquiátricos pré-existentes.

Para supraditos autores, os pacientes infectados ou que apresentam algum sintoma da doença podem ter quadros depressivos, crises de pânico, psicóticos e paranoicos que podem levá-los ao suicídio, na tentativa de ceder à angústia. Essas características, que se refletem das *fake news*, afetam em maior número os pacientes em quarentena que têm mais tempo para acompanhar tais notícias na internet.

Dessa forma, atento ao alerta feito por Ornell et. al (2020), e com o intuito de aumentarem a segurança tanto física quanto mental da sua população, os governos instituídos devem implementar políticas públicas de saúde mental, no preparatório do antes, durante e pós o evento da doença. Também é oportuno pesquisarem o fenômeno das *fake news* na tentativa de entenderem os motivos que levam as pessoas a compartilharem conteúdo falsos, para que, dessa forma, sejam criadas estratégias governamentais que inibam a ocorrência dessa espécie de conteúdo nas redes sociais e mídias digitais.

Nesse sentido, compreende-se que as *fake news*, em tempos de pandemia, se propagam tão rapidamente quanto as verdadeiras pelo simples fato de as pessoas concordarem cegamente com o conteúdo, segundo seus próprios valores e influências religiosas, políticas.

## 4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Desde janeiro de 2020, após a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarar emergência de saúde pública em nível internacional pelo surto de SARS-CoV-2, registrou-se um número expressivo de pesquisas na internet sobre o assunto. Porém, em meio aos fatos, surgiram muitas *fake news*.

Em pesquisa restrita ao site G1 ([www.g1.globo.com](http://www.g1.globo.com)), na seção reservada a esclarecer a população sobre a falsidade das notícias divulgadas por meio de diferentes plataformas e redes sociais, constatou-se o que está reunido nos Quadros que seguem:

Mês: Outubro		
STATUS	MATÉRIA	DATA
Fake	É #FAKE que testes com vacinas para a Covid-19 tenham sido cancelados no Brasil por conta de mortes de voluntários	26/10/2020
Fake	É #FAKE que CoronaVac deixou mais de 2 mil mortos na China e um tetraplégico na Inglaterra	22/10/2020
Fake	É #FAKE que lei 14.019 determina que o uso de máscara não é mais obrigatório em todo o Brasil	22/10/2020
Fake	É #FAKE que voluntária que tomou CoronaVac tenha sido entubada em Barretos após choque anafilático	18/10/2020

Quadro 1: Fatos ou fakes

Fonte: Site <https://g1.globo.com/fato-ou-fake> (2020)

<b>Mês: Setembro</b>		
<b>STATUS</b>	<b>MATÉRIA</b>	<b>DATA</b>
Fake	É #FAKE que nenhum morador de rua morreu de Covid-19	15/09/2020
Fake	É #FAKE que uso de máscara eleva inalação de dióxido de carbono para nível acima do suportado pelo organismo humano	14/09/2020
Fake	É #FAKE que Argentina, Venezuela e Cuba não adotaram auxílio à população mais pobre durante a pandemia de Covid-19	11/09/2020
Fake	É #FAKE que governo não pode obrigar pessoas a se vacinar contra Covid-19	02/09/2020

Quadro 2: Fatos ou fakes  
 Fonte: Site <https://g1.globo.com/fato-ou-fake> (2020)

<b>Mês: Agosto</b>		
<b>STATUS</b>	<b>MATÉRIA</b>	<b>DATA</b>
Fake	É #FAKE que estudo feito em 2005 comprova eficácia da cloroquina contra a Covid-19	21/08/2020
Fake	É #FAKE que neurocientista britânico concluiu que maioria da população é imune ao coronavírus e que distanciamento social é inútil	19/08/2020
Fake	É #FAKE que fotos mostrem lesões causadas por infecção após uso de máscaras contra a Covid-19	17/08/2020
Fake	É #FAKE que mortes por pneumonia e insuficiência respiratória têm sido todas registradas como sendo Covid-19	12/08/2020

Quadro 3: Fatos ou fakes  
 Fonte: Site <https://g1.globo.com/fato-ou-fake> (2020)

<b>Mês: Julho</b>		
STATUS	MATÉRIA	DATA
Fake	É #FAKE que vacinas contra o novo coronavírus possam gerar seres geneticamente modificados	29/07/2020
Fake	É #FAKE que vacina chinesa em testes no Brasil use células de fetos abortados	28/07/2020
Fake	É #FAKE que pessoas assintomáticas podem passar anticorpos para outras pessoas e torná-las imunes ao novo coronavírus	22/07/2020
Fake	É #FAKE que pode ter o CRM cassado o médico que não prescrever hidroxiclороquina a pedido do paciente em casos de Covid	17/07/2020

Quadro 4: Fatos ou fakes

Fonte: Site <https://g1.globo.com/fato-ou-fake> (2020)

<b>Mês: Junho</b>		
STATUS	MATÉRIA	DATA
Fake	É #FAKE que vacina contra o coronavírus a ser testada no Brasil só foi ministrada em macacos	19/06/2020
Fake	É #FAKE que pandemia de gripe suína teve início na China como as da Sars e da Covid-19	15/06/2020
Fake	É #FAKE que projeto aprovado no Congresso permite invasão de domicílio para fiscalizar uso de máscara	10/06/2020
Fake	É #FAKE que homem foi colocado vivo em saco fúnebre na BA para inflar mortes por coronavírus	01/06/2020

Quadro 5: Fatos ou fakes

Fonte: Site <https://g1.globo.com/fato-ou-fake> (2020)

Mês: Maio		
STATUS	MATÉRIA	DATA
Fake	É# FAKE que Caxias do Sul não determinou distanciamento social e não registrou óbitos pela Covid-19	27/05/2020
Fake	É #FAKE que estudo espanhol com 60 mil pessoas atestou ineficácia do isolamento social para conter o coronavírus	25/05/2020
Fake	É #FAKE que pesquisa recente indique a hidroxicloroquina como o tratamento mais eficaz contra o coronavírus	21/05/2020
Fake	É #FAKE que vídeo mostre equipe médica forjando caso de Covid-19 em São Paulo	20/05/2020

Quadro 6: Fatos ou fakes  
 Fonte: Site <https://g1.globo.com/fato-ou-fake> (2020)

Nos Quadros acima, foram mencionadas as principais matérias de esclarecimento de *fake news* que tiveram alta repercussão, desde o dia 20 de maio até 26 de outubro do ano de 2020, exclusivamente denunciadas pelo site do G1 Notícias.

O Quadro 6, referente ao mês de maio, aponta notícias mentirosas de casos de COVID-19 forjados para causar pânico na população, falta de isolamento social e crenças de que a hidroxicloroquina seria eficaz para combater a doença. Esse tipo de informação que tem o intuito de assustar a população é mencionado por Sesering (2017), o qual compreende a internet como um campo fértil para a proliferação de mentiras.

Já as notícias retratadas no Quadro 5 corroboram com o pensamento de Pennycook e Rand (2019) sobre o poder das palavras e como se replicam rapidamente, sendo que nesse período o caos estava em todas as mídias, ao ponto de começarem acusações de pessoas fingindo estarem mortas para aumentar o número de falecimentos pelo coronavírus. Além disso, registra-se ter havido especulações falsas sobre a vacina, sobre a invasão de domicílio

para colocação de máscara, bem como apontamentos de as doenças iniciarem sempre na China.

Em julho, os alvos mudaram. A criação de *fake news* estava voltada a botar medo na população para não tomarem a vacina por diversas razões mentirosas, além de forçar o uso da cloroquina em todos os hospitais, ameaçando até a cassação do registro dos médicos no Conselho Regional de Medicina (CRM). A seriedade das informações estava se agravando ao ponto de se tornar real o apelo de Braga (2018) ao falar que a liberdade nas redes sociais deveria ser diminuída a fim de se garantir a segurança nacional.

Algumas especulações ficaram para trás, porém em agosto se manteve as falsas notícias sobre a medicação cloroquina. O medo do coronavírus começou a passar e nessa trajetória apontamentos de mortes por pneumonia e insuficiência respiratória foram forjadas para causar medo na população. Desta forma começaram a atacar o uso de máscara como sendo infeccioso para as vias aéreas, surgindo diversas pesquisas com fundamento na defesa do uso da máscara, como no caso de Camargo et. al (2020) os quais afirmam que o uso é fundamental para a proteção, sendo que toda e qualquer atitude tomada deve ser baseada nas orientações da OMS.

No mês de setembro, ainda continuavam as *fake news* sobre o uso da máscara fazer mal pelo dióxido de carbono o que fez grande parte da população parar de usá-las. As notícias falsas sobre o uso da vacina e seus efeitos colaterais também se passaram por 'verdade' e diversas pessoas começaram a manifestar que se negarão a tomá-las quando chegarem ao Brasil. Ainda estruturaram um movimento em escala nacional dizendo que o Estado não pode obrigá-los a se vacinarem. Além disso, atestam que os moradores de rua não tiveram nenhum caso de COVID-19 porque já possuem imunidade forte. Ou seja, muitas mentiras se tornaram verdades diante das redes sociais e mídias digitais como Braga (2018) já mencionava em seus artigos.

Já no mês de outubro, registrou-se ataques diretos das *fake news* na chegada dos primeiros testes de diferentes vacinas ao Brasil. Alguns, por motivos políticos, garantiram que a vacina não chegará ao país, enquanto outros atestavam que os efeitos colaterais podem ser desastrosos e/ou mortais. Além do mais constatou-se neste período que o uso de máscara ainda é obrigatório, porém boa parte da população não mais a utiliza por acreditarem nas falsas

notícias ou por simplesmente se dizerem cansados de utilizar o acessório, o que leva a entender que os interesses políticos sempre estiveram relacionados na criação das falsas notícias, conforme Júnior et. al (2020).

Dessa forma, se observa diante a linha de tempo como as *fake news* causam pânico e são totalmente ameaças à saúde e segurança dos seres vivos, visto que muitas pessoas não procuram a veracidade dos conteúdos compartilhados ou ainda, por diversas contradições, ainda divide a população causando a desconfiança e dúvida do que realmente é a verdade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O impacto das *fake news* em tempos de pandemia é desastroso em todos os aspectos que envolvem o cenário atual, visto que notícias falsas podem prejudicar no controle das ações corretas para prevenir a propagação e evolução da doença COVID-19, conhecida como coronavírus.

Em concordância com Ornell et al. (2020), as notícias falsas podem potencializar o medo já existente pelo vírus da COVID-19, aumentando a ansiedade e o estresse em pessoas saudáveis. A propagação dessas informações ocorre devido ao não questionamento da veracidade, pelo simples fato de concordar com a linha de raciocínio e compartilhar em suas redes sociais, auxiliando no crescimento desse grande problema. A isso Braga (2018) ainda adverte que se uma mentira for repetida mil vezes ela tem o potencial de se tornar verdade, isso vale também para os compartilhamentos nas redes sociais e mídias digitais.

A verdade é que o novo coronavírus é extremamente perigoso em âmbito global e deve ter como toda e qualquer informação repassada a garantia de veracidade, sendo que em um curto período de tempo foram relatadas ao menos 1.425.148 mortes no mundo todo e 60.575.989 foram infectadas pela Covid-19<sup>3</sup>.

Em virtude dos fatos mencionados, para conseguir a conscientização populacional sobre a seriedade do assunto em alastrar informações falsas,

a Organização Mundial da Saúde (OMS) encontrou alternativas para atingir todo tipo de leitor, postando conteúdos nas redes sociais como Facebook®, Instagram® e Twitter®, além de seu site e aplicativo próprio. A ideia foi tão certa que outros órgãos também decidiram criar contas para alertar a população sobre as *fake news*, dado exemplo do próprio Ministério da Saúde do Brasil.

Dessa forma, pode-se concluir que as *fake news* não só atrapalham como também prejudicam o combate à pandemia. A conscientização da importância de se combater a proliferação desse tipo de informações se dará por meio de estudo sobre o assunto e denúncias precoces para a exclusão em todos os meios digitais, além dos órgãos de saúde e outras influências encontrarem soluções digitais para o controlarem os boatos em tempo real.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos de graduação**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

BRAGA, R. M. da C. A indústria das fake news e o discurso de ódio. In: PEREIRA, R. V. (Org.). **Direitos políticos, liberdade de expressão e discurso de ódio**.

Volume I. Belo Horizonte: Instituto para o Desenvolvimento Democrático, 2018. p. 203-220

BRANCO, S. Fake News e os Caminhos para Fora da Bolha. Rio de Janeiro: **The Telegraph**, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <[http://biblioteca-digital.tse.jus.br/xmlui/bitstream/handle/bdtse/4758/2017\\_branco\\_fake\\_news%20\\_caminhos.pdf](http://biblioteca-digital.tse.jus.br/xmlui/bitstream/handle/bdtse/4758/2017_branco_fake_news%20_caminhos.pdf)> Acesso em 25 maio 2020

CAMARGO, M. C. de, et al. **Eficácia da máscara facial (TNT) na população para a prevenção de infecções por coronavírus: revisão sistemática**. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. v. 25, n. 9 [Acessado 26 Novembro 2020], pp. 3365-3376. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232020259.13622020>>. Acesso em 02 nov. 2020

---

<sup>3</sup> Dados coletados desde 08 de dezembro de 2019 até 26 de novembro de 2020, conforme o gráfico Reuters Graphics (2020).

DELMAZO, C.; VALENTE, J. C. L. Fake News nas Redes Sociais Online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. **Media & Jornalismo**, Universidade de Coimbra, Portugal, v. 18, n. 32, p. 155-169, 2018.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **África do Sul vai prender até seis meses quem divulgar ‘fake news’ sobre Covid-19**. 19 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/mundo/2020/03/africa-do-sul-vai-prender-ate-seis-meses-quem-divulgar-fake-newssob.html>>. Acesso em: 24 abr. 2020.

FRIAS FILHO, O. O Que é Falso Sobre Fake News. Dossiê: Pós-verdade e Jornalismo. **Revista USP**, São Paulo, n. 116, 39-44, 2018.

GRAPHICS, R. **Acompanhamento da disseminação do novo coronavírus**. Disponível em: <https://graphics.reuters.com/CHINA-HEALTH-MA-P/0100B59S43G/index.html>. Acesso em: 26 nov. 2020.

HUANG, C. et al. Características clínicas de pacientes infectados com o novo coronavírus de 2019 em Wuhan, China. **The Lancet**, v. 395, n. 10.223, p. 497-506, 2020.

HUNT, Tara. **O poder das redes sociais**. São Paulo: Editora Gente, 2010. Tradução de Alexandre Callari.

LANIER, Jaron. **Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais**. Rio de Janeiro: Intrínseca Ltda, 2018. Tradução de: Bruno Casotti.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Coronavírus (COVID-19)**. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>. Acesso em: 24 maio 2020.  
NASCIMENTO, M. M. Fake News, Política e Opinião Pública. Dossiê. PAULUS: **Revista de Comunicação da FAPCOM**. São Paulo, v. 2, n. 4, jul./ago., 2018.

ORNELL, F., SCHUCH, J. B., SORDI, A. O., KESSLER, F. H. P. “Medo pandêmico” e COVID-19: ônus e estratégias para a saúde mental. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, abr. 2020. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S151644462020005008201&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S151644462020005008201&script=sci_arttext)>. Acesso em: 25 maio 2020.

PENNAFORT, R. **Fato ou Fake sobre o coronavírus**. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/>. Acesso em: 26 outubro 2020.

PENNYCOOK, G.; RAND, D. G. Preguiçoso, não tendencioso: a suscetibilidade a notícias falsas partidárias é melhor explicada pela falta de raciocínio do que pelo raciocínio motivado. **Cognição**, [S.l.], v. 188, p. 39-50, 2019.

SESERING, V. M. **Mentira nos tempos de internet: a viralização de boatos na era das redes sociais**. São Paulo, 2017. Disponível em: <http://www.sbpjor.org.br/congresso/index.php/jpior/JPJor2017/paper/viewFile/792/268>. Acesso em: 26 nov. 2020.

SOUSA JÚNIOR, J. H. et al. **Da Desinformação ao Caos: uma análise das Fake News frente à pandemia do Coronavírus (COVID-19) no Brasil**. Florianópolis: Universidade Federal, 8, mar. 2020.

SOUSA JÚNIOR, J. H.; PETROLL, M. D. L. M.; ROCHA, R. A. Fake News e o Comportamento Online dos Eleitores nas Redes Sociais durante a Campanha Presidencial Brasileira de 2018. In: XXII SEMEAD – Seminários em Administração, USP, São Paulo, 2019. **Anais [...]**, São Paulo, 2019.

TASNIM, S.; HASSAIN, M.; MAZUMDER, H. **Impacto de rumores ou informações incorretas na doença por coronavírus (COVID-19) nas mídias sociais**. Estados Unidos: Escola de Saúde Pública Texas A&M, 2020.

ZHENG, Y. et al. COVID-19 e o sistema cardiovascular. **Nat Rev Cardiol** 17, 259- 260, 05 mar. 2020. Disponível em <<https://doi.org/10.1038/s41569-020-0360-5>> Acesso em 25 maio 2020

